

PT tenta frear debate interno sobre candidato

Preocupação é evitar desgaste relativo à prévia para definir nome à Presidência

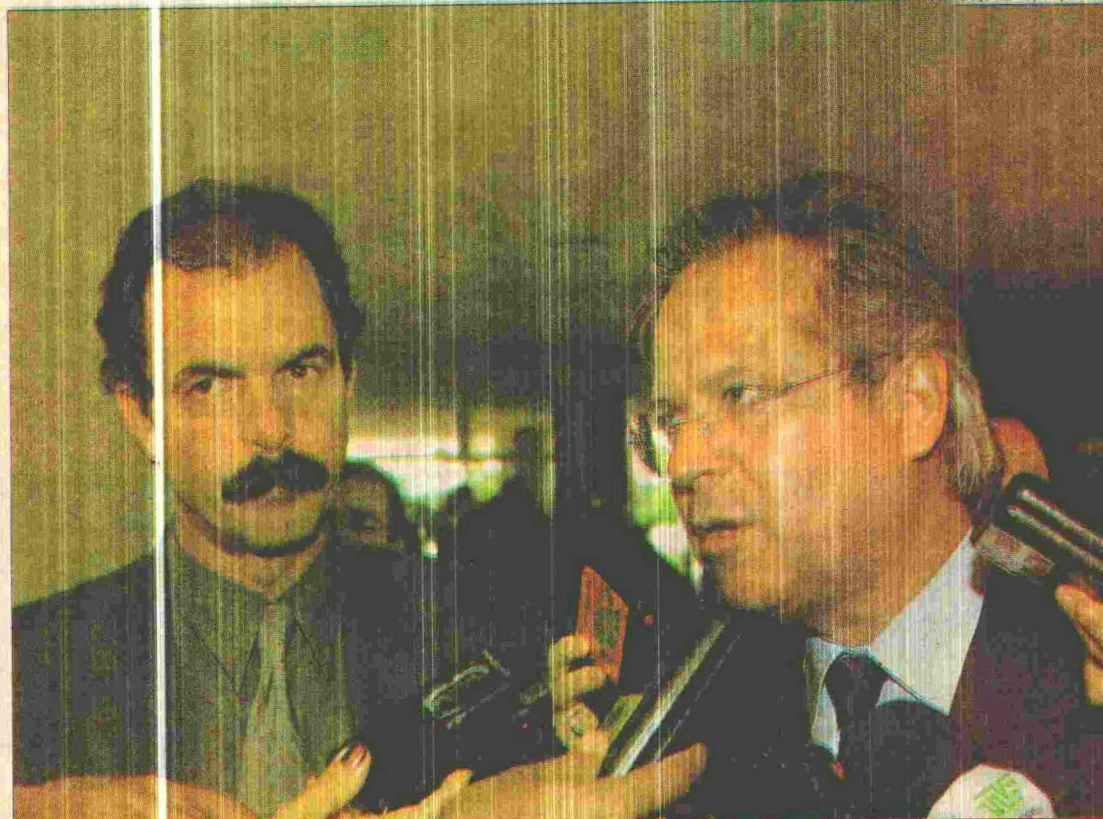
CLÁUDIA CARNEIRO

BRASÍLIA - Desde que Luiz Inácio Lula da Silva adiou para março a definição se sairá candidato ao Palácio do Planalto pela quarta vez, a ordem dentro do PT é não falar em sucessão presidencial até lá. Mais do que observar os movimentos dos aliados do governo e de possíveis adversários de centro-esquerda, a preocupação inicial do PT está em evitar um cenário de disputa interna. Certamente não haverá - garante um dirigente do partido - alguma voz contrária ao autolancamento do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) como pré-candidato a presidente. Mas tudo o que o núcleo do PT não quer, neste momento, é a sinalização de que terá de enfrentar o desgaste de uma prévia.

"Não vamos mexer com sucessão presidencial antes de março", resume o presidente nacional do PT, deputado José Dirceu (SP). Para ele, o partido está numa situação privilegiada: tem opções de candidato para 2002, saiu fortalecido das eleições municipais, está amadurecido. Tudo isso, avalia Dirceu, dá fôlego ao partido para preparar o embate da sucessão a partir do segundo semestre de 2001. "Eu não vou sofrer por antecipação", completa.

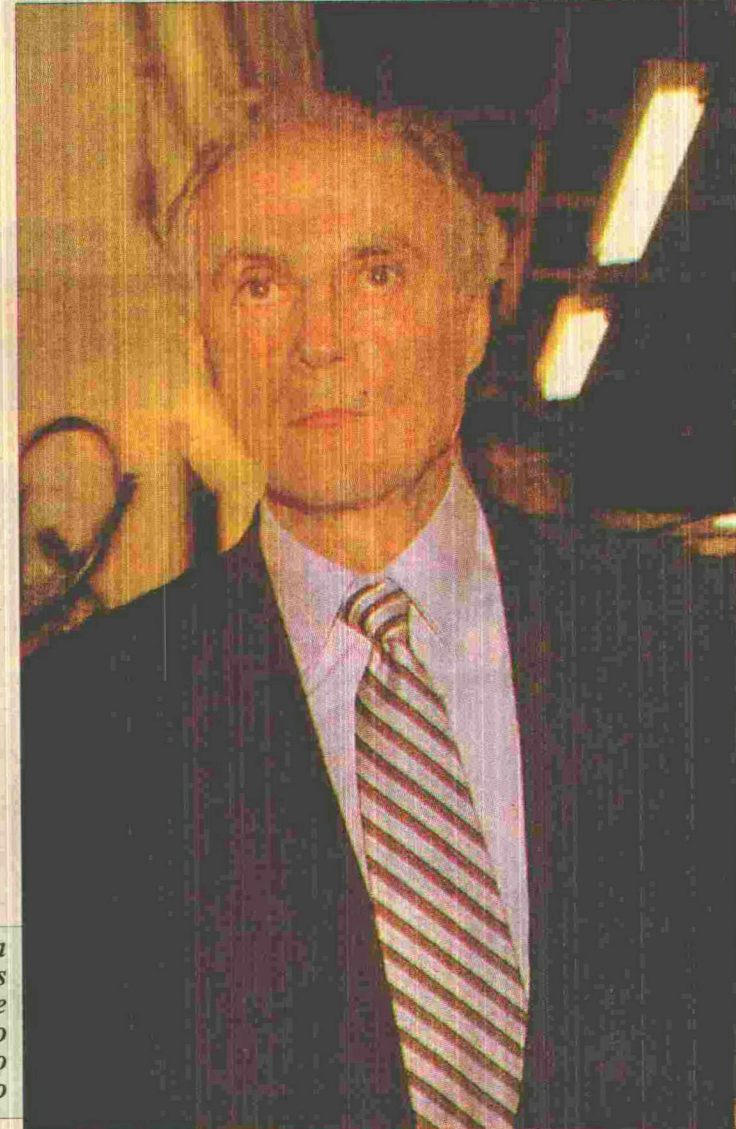
Pesquisa - Apesar do otimismo de Dirceu, nos bastidores do partido circula o temor de que uma opção ao nome de Lula neste momento - como ensinava o senador Suplicy - só aumentaria a ameaça da divisão

**OPÇÃO A
LULA AGORA
AUMENTARIA
DIVISÃO**



Mercadante e Dirceu: discurso afinado em defesa de discussão de candidatura à Presidência somente depois de Lula definir seu destino político e a favor de esforço na montagem das administrações municipais conquistadas pelo partido

Suplicy: lançamento de candidatura não agrada ao comando petista, mas ninguém no partido pretende manifestar-se contra pretensão do senador, que começou a falar do assunto ainda no início do ano



interna. "Hoje não interessa ao partido realizar uma prévia", garante um integrante do núcleo dirigente do PT.

Tanto o PT quanto seu principal líder enfrentam o dilema de definir o candidato de acordo com a conjuntura econômica do País, as candidaturas que serão concretizadas nos setores de centro e de esquerda e outras variantes. "Se o governo tiver um candidato único e condições econômicas favoráveis, esse cenário se torna

desfavorável ao nome de Lula", avalia uma fonte do PT. Lula está indo além. Ele vai basear a definição de sua candidatura não apenas nesse diagnóstico, mas num mapeamento criterioso do sentimento do eleitorado com relação a seu nome.

O PT tem realizado sucessivas pesquisas entre eleitores com questões que ajudarão a desenhar o perfil de Lula para o eleitor. E reúne dados que poderão revelar as razões da aproximação e da rejeição do brasileiro a seu nome.

Assim como explicar por que o candidato que já concorreu a três eleições à Presidência da República consegue

sempre manter seus 30% de votos do eleitorado, mas no momento da polarização não conquista a maioria.

Marketing - Lula nunca investiu tanto em comunicação e marketing com o objetivo de cuidar da própria imagem. Tem uma equipe de quatro jornalistas que o colocam em contato constante com a mídia, seja nos grandes centros ou nas cidades do interior, que sempre esperam sua chegada com um já preparado arsenal de entrevistas em jornal, rádio e televisão.

Semanalmente, o líder do PT distribui pelo menos uma dúzia de artigos em jornais de

tudo País. Seu trabalho ostensivo para ajudar o PT a garantir 187 prefeituras e 131 vice-prefeituras nessas eleições municipais rendeu lucro pessoal. Pudera. Foram mais de 400 cidades percorridas e mil gravações para rádio e TV que Lula fez durante a campanha.

"O mínimo que o partido deve a Lula é dar-lhe o tempo que achar necessário para definir seu destino político", afirma o líder do PT na Câmara, Aloizio Mercadante (PT), ao reafirmar que é imprescindível que qualquer decisão do PT sobre processo sucessório de 2002 passe por Lula. A tarefa agora, ressalta Mercadante, é concentrar esforços na

montagem das administrações municipais do PT. "Vamos governar 28,5 milhões de pessoas, é uma responsabilidade grande", afirma.

Nesse ponto, não há discordância entre os auxiliares de Lula. "Não podemos ir com sede ao pote e emendar uma campanha na outra", alerta Genoíno, preocupado com o perigo de que as administrações do PT sejam transformadas em "reféns da sucessão de 2002". "Nossos prefeitos precisam de tranquilidade para administrar e só bem depois se tornarem bons cabos eleitorais", acrescenta o vice-líder do PT na Câmara, Walter Pinheiro (BA).

José Paulo Lacerda/AE-8/11/2000

Mônica Zarattini/AE-16/11/2000